

LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO: ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DO LEITOR EM CURSOS TÉCNICOS DO IF-GOIÁS

DEUSA CASTRO BARROS (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - GOIÁS).

Resumo

O presente estudo é resultado de trabalhos desenvolvidos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, antigo CEFET/GO, visando à formação de um leitor que, consciente de sua liberdade de escolha, transite entre os textos clássicos e contemporâneos, selecionando do cânone literário suas preferências estéticas para formação de um cânone individual. Na base do trabalho encontram-se reflexões vinculadas à Estética da recepção, especialmente nos textos de Iser (1979, 1995), Costa Lima (1979), Stierle (1979) e Zilberman (1989). Para o desenvolvimento do estudo, aplicou-se, no contexto das aulas de Língua Portuguesa, estratégias de aproximação do leitor em relação às obras da literatura do século XVIII e XIX, especialmente associadas ao Romantismo, no Brasil e no mundo, tanto da prosa quanto da poesia, estabelecendo um diálogo entre temários e modelos do período citado e da época contemporânea. Participaram do estudo aproximadamente 150 alunos de turmas de 2º ano, lendo obras escolhidas na biblioteca da instituição e elaborando pesquisa sobre o período e as implicações ideológicas do movimento estético a que os autores lidos se filiavam. O resultado alcançado foi um intenso diálogo entre alunos adolescentes e obras de referência da Literatura brasileira e mundial, mediadas pela validação (ou não) que tais leitores aferiram às obras lidas, o que efetivamente lhes permitiu uma reflexão na construção de suas escolhas literárias e as implicações de tais escolhas na formação de seus referenciais estéticos para a “degustação” de obras de arte.

Palavras-chave:

leitura literária, ensino médio, estética da recepção.

Em uma primeira avaliação das experiências de formação de leitores na escola brasileira, - consideradas a guisa da Sociologia da Leitura -, nota-se que as referências de leitura dos alunos restringem-se aos textos apresentados pelos professores em disciplinas obrigatórias ao longo de sua formação escolar e, em geral, bem poucos estudantes apresentam iniciativa de leitura, principalmente no que diz respeito ao texto literário. Esse problema é ainda mais gritante nos alunos do Ensino Médio, pois os discentes veem o texto literário como uma obrigação para passar no vestibular, ou seja, o alunado do Ensino Médio tem da literatura uma visão opressora que pode se consolidar mais adiante como um trauma de uma experiência vivida.

É ponto pacífico dos Estudos aplicados às Ciências Humanas que a literatura é humanizadora, tanto no sentido da formação sócio-histórica dos indivíduos, quanto no esclarecimento a respeito de nossa existência (CANDIDO, 1972; CALVINO, 1990; CHARTIER, 1999; ZILBERMAN, 2001; LIMA, 2002). Assim, é possível dizer que ela potencializa a razão e os sentimentos, bem como nos promove consciente abertura para os múltiplos diálogos culturais que o modo de vida contemporâneo exige.

O leitor de literatura é alguém que, em suas relações de interpretação, ativa vários recursos semânticos (texto, intertexto, pressuposto, inferência, metáfora, polissemia) e diversos elementos da significação. Ao ler o texto literário, a capacidade de significar e ressignificar contextos, tão explorada no texto estético, é

desenvolvida e ampliada à medida que o leitor se torna mais exigente. Julgamos que, começando por uma leitura lúdica, como pelos contos de fada, e chegando à da poesia e prosa contemporâneas, o leitor vivencia experiências de interpretação e desenvolvimento reflexivo que o bem-capacita para outras atividades de interpretação, no que diz respeito ao universo escolar/acadêmico e geral.

De outro modo, embora no mesmo sentido da relevância do texto literário em si para a formação sensível e intelectual dos sujeitos, desenvolver um projeto de leitura literária é vislumbrar um modelo abstrato a fim de uma aplicação viável sobre o mundo concreto. O contato processual com o texto literário, inevitavelmente, convida o leitor a pôr em cena sua capacidade de imaginação, de fantasia. Na medida em que os discentes vão formando referências literárias de base, essa capacidade se desenvolve a ponto de tecer uma rede de intertextualidade múltipla a, talvez, quase o infinito. Até mesmo um breve passeio pela história das inteligências, das ciências e das tecnologias pode nos mostrar que não há caso de descoberta, de invenção ou de teorização movido pela ausência de imaginação, e não raro da fantasia. Um caso interessante vem de *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Publicado em 1932, este romance anuncia um mundo em que a juventude é mantida pelo uso de fármacos, via tecnologia da engenharia genética e da farmacologia. Um caso mais clássico é *20 mil léguas submarinas*, de Júlio Verne, publicado em 1870. O romance, baseado nas aventuras de um naturalista francês, Professor Aronnax, narra as viagens do Capitão Nemo a bordo do submarino Nautilus, quando sequer a engenharia náutica concebia tal tecnologia. E poderíamos listar mais inúmeros exemplos, se não fosse ostensivo.

Por outro viés, em outro nível além do pensamento guiado pelo método científico, o próprio desenvolvimento de pontos de vista sobre a realidade está intimamente vincado em um diálogo com a literatura. Sabemos que o texto literário não é capaz de mudar, diretamente, a realidade física, química ou biológica das coisas e dos seres. No entanto, ele é capaz de mudar nosso ponto de vista sobre tais realidades, e isso, inevitavelmente, incute a fundação de valores (éticos, religiosos, políticos, comerciais, culturais) indispensáveis à interação sócio-histórica dos sujeitos (RICOEUR, 1988). Assim, sabemos que, ao terminarmos de ler *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, concluímos que é fato que um defunto não pode contar uma história. No entanto, descobrimos que há, dentro de nós, em nossa mente, uma voz sem corpo (como a lembrança que temos de um defunto) que nos recalca ou orienta o comportamento. Também sabemos que ao terminarmos de ler o poema "A flor e a náusea", de Drummond, concluímos que é fato que uma flor não nasce na rua, repentinamente, rompendo o asfalto. Mas, também concluímos que, do meio da indiferença e do descaso, alguém pode se insurgir, elevando a voz, convidando-nos à comunhão.

É este espírito de leitura literária que o projeto de Letramento Literário, que desenvolvemos em turmas de 2º ano do Ensino Médio Técnico Integrado, propõe promover entre os discentes de Ensino Médio do IF-GO.

• 1. Corpus, método e processo

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IF, anteriormente denominados de CEFET's, atuam na formação Média e Superior, disponibilizando cursos das diversas áreas de conhecimento. Em Goiás, o IF oferece 15 cursos de nível médio integrado, contemplando alunos de diversas cidades. O estudo aqui apresentado contempla 06 cursos (Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Mineração, Música e Trânsito) oferecidos na unidade sede, Goiânia, e foi/é desenvolvido com

alunos de 2º ano do Ensino Médio Integrado. Em geral, as turmas do IF/Goiás iniciam-se com 30 alunos. Porém, as turmas nas quais o projeto de leitura foi desenvolvido, oscilam entre 20 e 30 estudantes. No total, participaram das atividades, 145 alunos, com idade entre 14 e 17 anos.

O programa de ensino de Língua Portuguesa entende como adequado para discentes deste nível de formação o contato com as obras literárias do século XIX, dos movimentos estéticos ocorridos e principais autores brasileiros. O Romantismo, portanto, passa a ser conteúdo previsto pela grade curricular. Interessante que, em uma primeira leitura, parece ser "mera" obrigação acadêmica elencar obras e autores que se destacaram em seu tempo. Interessante, mas absurdo: o que fazer com nomes de autores, de obras, lista de características, etc., etc.? Qual a validade de, diante da riqueza estética de um movimento como o Romantismo, reduzir o estudo da Literatura às categorias costumeiramente apresentadas nos livros didáticos? Indagações como esta já são feitas há muito tempo, mas a prática de leitura na escola ainda está, infelizmente, associada a tais absurdos.

Na contra mão de tal prática, ao planejarmos o contato dos alunos com o Romantismo, a única possibilidade real de interessá-los a conhecer o homem do sec. XIX (como a si mesmo), assim como a única necessidade de gastarmos nossas horas estudando a Literatura, foi **LER** obras românticas, antes de qualquer pesquisa, ou de qualquer exposição de valores e características. Assim, dentro de um projeto bem mais amplo de ensino de literatura, que na verdade é um projeto de formação de leitor, propomos um grande "ataque" às obras da Biblioteca da escola. E aqui cabe a indagação: onde estão as boas edições de clássicos da literatura? Por exemplo, onde estão as reedições de Júlio Verne, Victor Hugo, Jane Austen? Por que as bibliotecas escolares brasileiras gastam tanto em paradidáticos e tão poucos em obras clássicas? É certo que a indústria editorial precisa crescer, que livros são caros, e tantas outras justificativas apresentadas por instituições diversas. Mas, ainda assim, investir em boas edições, com agradável perfume de livro e não de ácaros e poeira, certamente garantiria um bom número extra de leitores nas bibliotecas escolares.

No IF/Goiás, apesar das constantes listas de obras solicitadas, muitos clássicos da literatura estão ausentes, mas, ainda assim, considerando os problemas gerais das bibliotecas escolares, podemos afirmar que temos um acervo privilegiado. E foi no acervo da biblioteca que o planejamento das ações formativas de leitores teve início, com um levantamento das obras de Literatura do século XIX, no Brasil e no Mundo. Tal levantamento permitiu-nos apresentar aos alunos do 2º ano uma longa lista de autores do Romantismo com uma grande variedade de representações estéticas dos medos e desejos do homem romântico: amor, aventuras, naufrágios, fugas espetaculares, desbravadores do novo mundo, cientistas, inventores, monstros, horror psicológico e tantos mais. A proposta de leitura foi, então, construída a partir das obras disponíveis na biblioteca do IF/Goiás (mais de cem obras da Literatura Brasileira e Estrangeira, abarcando romances, contos e poemas do Romantismo) e apresentada aos alunos no início do semestre letivo de 2009.

É importante assinalar que, em 2008, com uma turma de 14 alunos, já havíamos desenvolvido um "piloto" dessa atividade, testando o funcionamento (e as dificuldades) que uma iniciativa desse porte teria. O resultado foi realmente proveitoso, especialmente porque, após as leituras e discussões, muitos alunos se interessaram em ler as obras escolhidas por outros colegas, e o ciclo de leituras se auto-alimentava. Portanto, a atividade proposta para os 145 alunos já vinha com ajustes e angústias prévias: era preciso certo controle sobre as escolhas dos alunos e certamente o volume de trabalho - se apresentados individualmente - estaria bem além das possibilidades de uma única professora.

Pensando nisso, a proposta de leitura apresentada aos alunos em 2009 sofreu um primeiro ajuste: os alunos foram subdivididos em grupos de quatro e cinco componentes, cada componente poderia escolher a obra a ser lida dentre aquelas apresentadas na lista fornecida, porém, em cada grupo, no mínimo a metade de obras escolhidas deveria ser do cânone nacional. Essa última restrição deu-se em função de que, em geral, a visão do aluno brasileiro em relação à produção cultural do seu próprio país é de inferioridade; certo que há muitas explicações e justificativas dadas por estudiosos das humanidades, mas não é o que queremos discutir agora, o fato é que há uma depreciação do produto cultural nacional em detrimento do estrangeiro. É certo que, se analisarmos à luz da apreciação estética, veremos que as obras do Romantismo alemão, inglês, francês, etc. têm uma construção bem mais elaborada do que as obras nacionais. Contudo, não podemos abrir mão de conhecer os escritores brasileiros, a menos que também nos alienemos da nossa identidade e da nossa formação cultural, o que nos tornará meras sombras de identidades alheias. Essa foi, portanto, a nossa justificativa para os alunos em relação ao limite estabelecido e o estímulo para que se motivassem a conhecer mais obras e autores nacionais.

Como apresentação da estética romântica, optamos por ler duas narrativas curtas, de um autor nacional e outro estrangeiro, em sala de aula. A primeira leitura foi o conto "Solfieri", de Álvares de Azevedo, a segunda foi "O Barril de *amontillado*", de E. A. Poe. Ambas, a seu modo, lidam com o universo do horror, do noturno, tão explorada por autores no século XIX, e dialogam muito bem com o gosto dos adolescentes contemporâneos pela temática do *terror*. Somente após conhecer duas narrativas embebidas na estética romântica, apresentamos aos alunos a proposta de leitura de obras do Romantismo, enfocando objetivos e resultados esperados para a atividade.

A princípio, alguns alunos objetaram a favor de uma leitura mais livre, não apenas restrita aos livros da estética romântica no século XIX, mas também releituras de clássicos pela contemporaneidade e até mesmo obras que, de alguma forma, tratassem de temas considerados "românticos". Na discussão da ampliação da proposta, uma questão contundente foi aventada por um aluno, após provocações por parte da professora: como os alunos saberiam o que é releitura e/ou influência se não tivessem lido os textos clássicos? Em que medida eles poderiam entender o que o autor propõe ao estilizar um texto romântico, se não leu, em primeira mão, nenhum texto dessa estética? E esse argumento definiu, por fim, o curso a ser tomado pelos alunos: cada um deles deveria ler ao menos uma obra romântica, que poderia ser nacional ou estrangeira, desde que atendesse ao percentual estipulado para cada grupo.

• 2. Resultados e reflexões

No total, ao longo de três meses de atividades, 145 alunos distribuíram-se por trinta e nove títulos literários, dos quais dezoito são clássicos nacionais e vinte e um clássicos estrangeiros, como se pode ver distribuído nos gráficos e tabela em anexo (I e II).

Percebe-se, pelos gráficos, que as leituras não se concentraram em um autor específico, mas apresentam picos que podem ser descritos de forma sintética. No que diz respeito às obras internacionais, as escolhas por obras adaptadas para o cinema foi determinante para vários alunos: Júlio Verne, por exemplo, foi o autor mais lido pelos estudantes: vinte e cinco alunos, dentre os quais apenas uma garota. Das obras de tal autor, as mais lidas tiveram adaptação para o cinema

(*Vinte mil léguas submarinas*, *Viagem ao centro da Terra* e *A Volta ao mundo em 80 dias*).

Viagem ao centro da Terra, recentemente adaptado para o cinema pelo diretor Eric Brevig (2008), foi escolhido por oito alunos que, em suas leituras, comparam os dois produtos e construíram uma crítica, ainda que incipiente, sobre a qualidade da adaptação. *A Volta ao mundo em 80 dias*, também com adaptação recente (do diretor Frank Coraci, 2004), foi lido por sete estudantes... E assim, outras obras verneanas foram degustadas por leitores adolescentes que encontraram, nas palavras deles, "aventuras surpreendentes para obras escritas há tanto tempo...". O encontro com o texto clássico, para os alunos, foi a descoberta de que muito do que se pensa, ou mesmo do que se criou pela tecnologia, tem uma intrínseca relação com a ficção.

Da literatura brasileira, a obra mais escolhida pelos alunos foi *Noite na Taverna*, livro de contos do Álvares de Azevedo. Certamente que o fato de lermos em sala um dos contos, despertou o interesse pelas outras histórias, e, associando-se isso à biografia de Álvares de Azevedo e à possível identificação dos adolescentes com o mundo misto de terror e tragédia, findou por levar doze alunos a conhecer o mundo fantástico e macabro descrito por jovens embriagados em uma taverna do século XIX. O resultado das escolhas dos alunos reforça o papel do educador como mediador no processo de aproximação da leitura de clássicos: é preciso garantir ao aluno um encontro que ressalte a qualidade de um texto que atravessou épocas, foi lido por diversas gerações e contribuiu com reflexões sobre o seu tempo e o tempo de tantos outros leitores. O professor de literatura (ou qualquer outro sujeito que se propõe a mediar o acesso à literatura) precisa entender a obra como um objeto estético e histórico, mas também lúdico, pois só assim a literatura mantém a vivacidade e as cores que encantam leitores de tão diversas regiões, idades, etc.

José de Alencar (que teve oito obras lidas - *Senhora*, *Lucíola*, *Ubirajara*, *O guarani*, *O sertanejo*, *Iracema*, *O Tronco do ipê*, *As minas de prata*) foi o autor mais visitado do cânone nacional. Questionados em relação ao motivo da escolha, muitos alunos aludiram ao fato de ser um autor muito solicitado nos vestibulares, o que não é de causar espanto: a experiência de leitura dos alunos de ensino médio ainda está muito focada no falso pragmatismo de "ler para alguma coisa" - o vestibular, por exemplo. Outros justificaram a escolha pelo fácil acesso: era o autor com mais obras disponíveis na biblioteca. Infelizmente, bem poucos escolheram por interesse direto, mas esse fato não impediu que a aproximação com as obras de Alencar fosse proveitosa para vários alunos. Na reflexão sobre os temas e a linguagem dos romances alencarianos, alguns questionamentos sobre o vocabulário, o excesso de descrições e os temas centrados no amor permitiram a introdução de vários aspectos do Romantismo Brasileiro, bem como a contextualização da época e a reflexão sobre as mudanças lingüísticas que um idioma sofre ao longo do tempo.

Uma leitura em especial merece destaque, trata-se de *Lucíola*, obra lida por nove estudantes e que recebeu avaliações bem díspares por parte de seus leitores, desde "é horrível" até "é maravilhosa". A discussão sobre a qualidade estética da obra não suplantou as questões de gênero que o romance suscitou: de um lado alguns alunos criticavam o excesso de detalhes do romance, enquanto outros questionavam o comportamento da personagem título e os valores da sociedade da época. Em uma mesma turma, um aluno e uma aluna, com a mesma faixa etária, apresentaram análises marcadamente discordantes a respeito do romance e iniciaram um debate sobre a qualidade literária de tal obra, pontuando suas opiniões com representações do mundo contemporâneo ao discutir o comportamento da protagonista, apontando virtudes e pecados da mulher de hoje na trama do romance de Alencar. O surpreendente é como, apesar das críticas à

linguagem, o romance se mantém, para muitos leitores jovens, atual e repleto de indagações necessárias para a constituição da identidade desses sujeitos.

• 3. Conclusões e angústias

Como o texto literário exprime as diversas relações humanas - seja do escopo da ciência, da tecnologia, da religião, da política e outras - e como ele cobra do leitor as mais diversas expressões de significação devido à sua condição estética (STIERLE, 1979; ADORNO, 2003; STAIGER, 1997; BAKHTIN, 1997; RICOEUR, 2000), cumpre-nos possibilitá-lo mais assiduamente ao alunado. É preciso, portanto, instalar um âmbito de leitura literária, por meios de estratégias de interação que aproximem o discente do texto, fazendo-o se interessar pela leitura e isso implica no trabalho com o texto em verso e prosa, de épocas diversas, dos três grandes estilos literários (épico, lírico e dramático) e seus hibridismos e variações, em diálogo com outras linguagens.

Contudo, o distanciamento da arte de nosso corpo discente, em geral, afasta-o da leitura literária, levando-o mesmo a considerá-la irrelevante para a sua vida social comum, e apenas um conteúdo para passar de ano e no vestibular - ainda que não exista sociedade civilizada contemporânea sem literatura, o que nos leva a concluir que a literatura não deve ser algo "irrelevante". Como é inevitável encontrar dados pelos quais fique explícito que os discentes, em sua experiência de leitura, humanizam-se a partir da leitura de obras ou texto literários - quaisquer que sejam -, torna-se necessário resgatar essas experiências com provocações acerca da relação da literatura com os diversos eixos sociais: a religião, a ciência, a tecnologia, a indústria e o comércio, por exemplo.

É preciso entender que as equivocadas práticas escolares de "leitura literária", as quais restringem a literatura a contexto histórico, biografias de autores e características de estilos de época, servem mais como armadilhas do que como estratégias de letramento literário. Na contramão desses equívocos, ao entendermos a leitura literária como uma prática social que se vale da escrita ficcional para pensar o homem e seu tempo, dinamizamos o contato com textos literários e efetivamente promovemos o acesso e a democratização da literatura.

O texto e o leitor são os elementos centrais da aula de literatura, sem ênfase excessiva no primeiro, nem no segundo, mas equilibrando os impasses e embates que eventualmente surgirão da relação produtiva entre esses dois elementos. Uma abordagem da literatura que enfatize a interação do leitor com o texto e que construa, a partir das necessidades e expectativas que o aluno tem, a competência de seleção de um cânone individual, instrumentaliza o aluno para outras leituras e lhe dá a autonomia crítica. Gostar ou não de uma obra torna-se, então, um longo exercício de reflexão estética e ideológica que estimula o hábito da leitura, pois valoriza o sujeito leitor, sem detrimento da obra literária.

Cabe aqui reafirmar a reflexão feita por Graça Paulino (2004, 59-60), visto que

O letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à

escola, embora passem por ela. Como a qualquer outro tipo de letramento, ao literário se aplica o que disse Maria da Graça Castro Pinto (2002): trata-se de um investimento constante de cada cidadão, trata-se de uma "narrativa de identidade pessoal , que seguramente mais do que qualquer outra coisa se caracteriza por se revelar sempre imperfeita" (p. 95). Na escola, ou fora dela, a experiência estética na qual se inclui a leitura literária, compondo o letramento, esse processo ininterrupto e sempre imperfeito de formação de identidade, está sendo mais valorizado nesse novo século, como modo de humanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias.

O ensino de literatura no Ensino Médio, portanto, deve ser entendido como mais uma etapa de letramento, mais uma reflexão sobre a identidade do aluno que, sempre em construção, pode ser nutrida por elementos ricos em humanização e indagações positivas sobre o mundo que temos e o mundo em queremos viver.

•4. Referências

ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

BAKHTIN, Mikail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BORDIEU , Pierre. *As regras da arte: gênero e estrutura no campo literário*. São Paulo, Companhia das letras, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais. Currículo de Códigos e Linguagens*. Ensino Médio. Brasília: 1999.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In: *Ciência e Cultura*, v. 24, set. 1972, p. 803-809.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. de Reginaldo C. Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1999.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. Trad. de Luiz Costa Lima. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

_____. *O ato de ler: por uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

PAULINO, Graça. *A formação de leitores: a questão dos cânones literário*. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol 17, n. 01. Universidade do Minho, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. Metáfora e símbolo. In: _____. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 57-81.

SILVA, Celina. O gênero literário - norma e transgressão: notas de leitura em Poética e História Literária. In: GREENFIELD, John (org.). *O gênero literário: norma e transgressão*. München: Martin Meidenbauer, 2006. p. 55-65.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? Trad. de Heidrun Krieger Olinto e Luiz Costa Lima. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 133-197.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ANEXO I

CLÁSSICOS NACIONAIS

	OBRA	AUTOR	LEITORES
1	Noite na taverna	Álvares de Azevedo	12
2	Senhora	José de Alencar	10
3	A moreninha	Joaquim Manoel de Macedo	9
4	Iracema	José de Alencar	9
5	Lucíola	José de Alencar	9
6	O guarani	José de Alencar	6
7	Memórias de um sargento de milícias	Manuel Antônio de Almeida	4
8	Helena	Machado de Assis	4
9	Inocência	Visconde de Taunay	4
10	A luneta mágica	Joaquim Manoel de Macedo	3
11	O sertanejo	José de Alencar	2
12	Ubirajara	José de Alencar	2
13	Espumas flutuantes	Castro Alves	1
14	A carteira do meu tio	Joaquim Manoel de Macedo	2
15	O tronco do ipê	José de Alencar	2
16	A escrava Isaura	Bernardo Guimarães	1
17	As minas de prata	José de Alencar	1
18	O seminarista	Bernardo Guimarães	1
		TOTAL	82

CLÁSSICOS INTERNACIONAIS

	OBRA	AUTOR	LEITORES
1	A viagem ao centro da terra	Júlio Verne	8
2	Vinte mil léguas submarina	Júlio Verne	8
3	A volta ao mundo em 80 dias	Júlio Verne	7
4	O médico e o monstro	Robert Louis Stevenson	6
5	O retrato de Dorian Gray	Oscar Wilde	6
6	O morro dos ventos uivantes	Emille Bronte	3
7	Contos de terror, mistério e morte	Edgar A. Poe	3
8	Amor de perdição	Camilo Castelo Branco	3
9	Contos	Oscar Wilde	3
10	Os miseráveis	Victor Hugo	2
11	As aventuras de Tom Sawyer	Mark Twain	2
12	Histórias extraordinárias	Edgar A. Poe	2
13	Drácula	Bram Stoker	2
14	A casa soturna	Charles Dickens	1
15	História de fadas	Oscar Wilde	1
16	Os navegadores do sec. XVIII	Júlio Verne	1
17	A galera Chacellor	Júlio Verne	1
18	Kareban, o cabeçudo	Júlio Verne	1
19	Doutor Ox	Júlio Verne	1
20	A agência Thompson e Cia	Júlio Verne	1
21	O bobo	Júlio Verne	1
		TOTAL	63

ANEXO II

Gráfico 1: Total de Obras Lidas

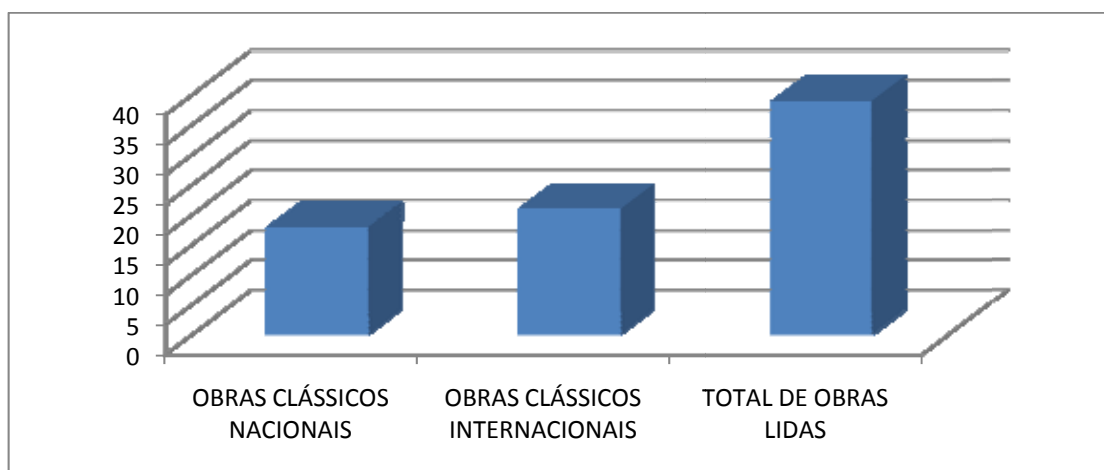


Gráfico 2: Clássicos Nacionais: obras e leitores

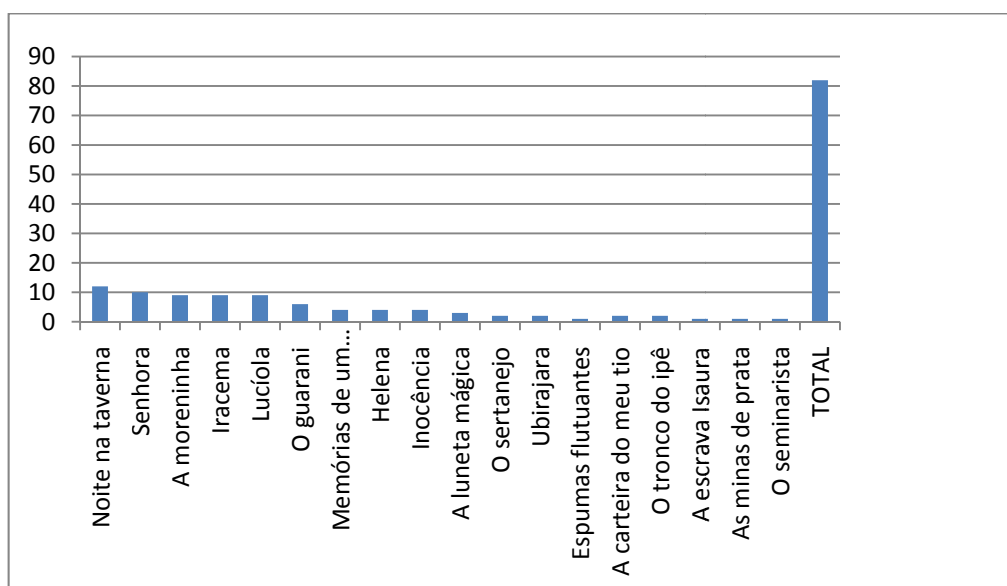


Gráfico 3: Clássicos Internacionais: obras e leitores

